

ASPECTOS DA COMERCIALIZAÇÃO DO ALGODÃO EM CAROÇO NO ESTADO DO CEARÁ*

*Francisco Mavignier C. França***

Resumo: Analisa alguns aspectos relacionados com os preços do algodão em caroço, pagos ao produtor, no Estado do Ceará. Ressalta que, embora a receita proveniente da atividade tenha importância econômica e social, é bastante vulnerável em razão de vícios do processo de comercialização. O funcionamento deste processo é demonstrado com base em análise de aspectos gerais da cotonicultura cearense, tais como: canais de comercialização, formação e comportamento dos preços recebidos pelos produtores, dentre outros. Fundamentado nessas análises, apresenta conclusões e sugere algumas linhas de ação para tornar a receita da atividade mais estável.

1. INTRODUÇÃO

O Estado do Ceará é o maior produtor de algodão em caroço do Nordeste e o terceiro do Brasil.

Qualitativamente, tal produto tem posições econômicas e sociais relevantes, pois dele derivam atividades incluídas nos três setores da economia (primário, secundário e terciário); além disso, é a principal fonte de renda e de emprego da agricultura do Estado, AZEVEDO (1975).

* Parte da dissertação apresentada pelo autor à Coordenação do Curso de Mestrado em Economia Rural da UFC, defendida em 1985, para obtenção do Grau de Mestre.

** Economista, Especialista em Estatística, Mestre em Economia Rural, Técnico do BNB/ETENE.

Na formação da renda e geração de emprego, é grande a influência exercida pelo comércio inter-regional através da exportação de subprodutos do algodão em caroço, entre os quais a pluma sobressai como o principal. Outro aspecto de relevo da cultura algodoeira local é a grande rede de atividades comerciais e de transportes a ela associada.

No campo social, a cotonicultura assume, dentre outras atividades agrícolas estaduais, papel de destaque porque é a principal geradora de empregos tanto no meio rural, em função de suas características tradicionais de exploração, como no meio urbano, por ser o seu produto matéria-prima essencial nas indústrias têxteis, de óleos comestíveis e de ração animal, setores mais importantes da economia cearense.

Na receita tributária do Estado, como principais produtos comercializados, destacam-se o algodão em rama e em pluma, cuja participação do ICM gerado no setor, em 1984, foi de 30,9 e 23,7%, respectivamente, contra 17,2% da castanha de caju, 0,9% da cera de carnaúba, 4,0% de bovino abatido e 23,3% de outros produtos (SEFAZ-CE – 1985).

Por outro lado, a produção e comercialização do algodão, com o emprego de processos tradicionais associados às condições climáticas desfavoráveis do Estado, são, em parte, responsáveis pelas elevadas flutuações de seus preços ao longo do ano.

Segundo BRANDT (1980), as flutuações anuais em preços agrícolas condicionam, até certo ponto, a ocorrência de desequilíbrios da produção, comercialização e consumo, provocando o uso não-eficiente dos recursos. Quando as amplitudes das flutuações são extremas, a situação agrava-se, pois a cultura fica mais instável e, conseqüentemente, não receptiva à modernização.

Com base no exposto, é fácil constatar a existência de descompasso na cotonicultura cearense, que, embora seja relevante sob os aspectos econômico e social, sofre sérios reveses em função das extremas amplitudes nas flutuações da produção e dos preços do algodão. Esse comportamento torna instável a receita proveniente da atividade, acarretando prejuízos ao Estado, o que afeta, social e economicamente, produtores e compradores.

Assim, é necessário conhecer aspectos relativos à produção, canais de comercialização, formação e comportamento dos preços, dentre outros, para orientar produtores, intermediários e executivos públicos na tomada de decisões e nas diretrizes de planejamento.

2. O ALGODÃO EM CAROÇO NO ESTADO DO CEARÁ: CONSIDERAÇÕES GERAIS

O algodoeiro é cultivado em todos os continentes. Em função de sua importância como fornecedor de matéria-prima para a indústria, tem destaque significativo na economia mundial.

O algodão contribui com mais de 50% da matéria-prima destinada à indústria têxtil mundial, o que justifica a sua expressiva participação no comércio internacional. No Brasil, a produção de fibras naturais (algodão) nos anos de 1970/1976/1981 foi, respectivamente, de 88,5, 69,6 e 74,9% da produção total de têxteis (BNB—1982).

Além da fibra, o algodão produz óleo para consumo humano e torta para consumo animal, ambos de alto valor nutritivo. Sua folhagem é aproveitada como forragem para o gado bovino, principalmente no Nordeste do Brasil, através do pastoreio. Nos últimos anos, a importância do óleo e da torta tem crescido bastante, tornando o produto ainda mais relevante para a economia cearense.

A cultura algodoeira localiza-se em 18 unidades da Federação, sendo São Paulo e Paraná, no Centro-Sul, e os estados do Nordeste, os principais pólos produtores do País. No Nordeste, mais especificamente no "Polígono das Secas", onde o ambiente ecológico é propício ao seu cultivo, o algodão reveste-se de grande importância econômica e social por ser a principal cultura monetarizável (*cash crop*) para os agricultores.

No Ceará, os municípios de Iguatu, Itapagé, Quixeramobim, Paramoti e Quixadá são os maiores produtores, segundo dados do Censo Agropecuário de 1980.

Neste Estado são cultivados três tipos(1) de algodoeiros, porém o arbóreo ou "mocó" predominou no período de 1970-83 sobre o herbáceo e o verdão. No entanto, a produção originária do tipo herbáceo tem alcançado taxas de crescimento surpreendentes nos últimos anos. Em 82, 83 e 84 registrou participação percentual sobre a produção total de 29, 36 e 64%, respectivamente, segundo dados da CEPACE e FIBGE.

-
1. Os três principais tipos de algodoeiro cultivados no Estado são: **arbóreo** ou **mocó**: planta xerófila, bem adaptada às condições edafoclimáticas do Nordeste. O seu ciclo biológico é de cinco anos e produz fibra longa e resistente; **herbáceo** ou **Upland**: cultura anual encontrada em regiões úmidas e de boa fertilidade. Produz fibra média e curta; **verdão**: cultura semiperene originária da hibridação do mocó com o herbáceo.

O progressivo crescimento do cultivo do algodoeiro herbáceo é determinado por vários fatores, tais como: a) maior rendimento médio por hectare; b) existência de cultivares do tipo herbáceo com melhores características tecnológicas quanto à adaptação ao meio e à qualidade da fibra; c) atuação dos órgãos de extensão rural, que vêm fomentando o cultivo do algodão herbáceo; d) possibilidade de melhor controle do “bicudo” (*Anthonomus grandis*, Bohemon); e) inexistência de diferenças de preços pagos ao produtor entre os tipos herbáceo e “mocó”; e f) a seca do período de 1979-84, que contribuiu para a substituição do herbáceo pelo “mocó”, pois, com a morte de grande parte das plantações de “mocó”, o agricultor, após este período, plantou o herbáceo (anual) com vistas a auferir, com mais rapidez, a renda proveniente do algodão.

Apesar de no período analisado o algodoeiro arbóreo ter predominado, é possível que os aspectos de comercialização aqui levantados não se alterem, a médio prazo, de modo substancial. Isto porque os condicionantes econômicos do algodão “mocó” e do herbáceo são semelhantes, além de a estrutura econômica da atividade ser bastante rígida.

A produção de algodão em caroço no Ceará, São Paulo e Brasil, de 1970-84, é demonstrada na tabela 01, onde se observa grande flutuação das quantidades produzidas, o que pode refletir instabilidade dos preços no decorrer do período.

A flutuação acentuada da produção algodoeira no Ceará, no mencionado período, teve várias causas, entre as quais: a) fatores climáticos, como secas e estações de chuvas incompatíveis com o ciclo vegetativo da cultura; b) ocorrência de pragas nos algodões; c) fatores econômicos como preços do algodão em caroço e da pluma no Estado e em outros centros produtores, política de preços mínimos, estoques reguladores, produção de outros estados, conjuntura econômica, que afetam indiretamente os produtores, visto que são condicionantes das atitudes dos usineiros os quais exercem forte influência nas decisões dos cotonicultores.

Por sua vez, os dados da tabela 02 negam a interdependência entre produção e preços, pois as flutuações destes dois indicadores são marcantes e pouco correlacionadas, possivelmente porque os incentivos de preços não chegam aos produtores.

TABELA 01
Estimativas e Evolução da Produção de Algodão em Caroto,
por Região e por Unidade da Federação, no Período de 1970-84

Anos	Produção em 1.000 Toneladas			
	Ceará	Nordeste	São Paulo	Brasil
1970	162	500	708	1.955
1971	379	920	608	2.271
1972	313	833	678	2.511
1973	342	884	612	2.272
1974	214	720	618	1.958
1975	215	643	489	1.751
1976	181	500	332	1.262
1977	218	672	544	1.462
1978	265	689	387	1.570
1979	161	451	507	1.636
1980	141	384	483	1.676
1981	102	344	552	1.732
1982	198	437	529	1.928
1983	64	180	464	1.599
1984	282	785	508	2.161

FONTE: Fundação IBGE, Anuários Estatísticos do Brasil, 1970/80.
Fundação IBGE, Produção Agrícola Municipal, 1971-84.

TABELA 02
 Área Colhida, Produção, Rendimento Médio, Preços e Valor da Produção de Algodão em Caroço,
 a Nível de Produtor, no Estado do Ceará – 1970-84

Anos	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento Médio (kg/ha)	Preço* (Cr\$/kg)	Valor da Produção (Em Cr\$ 1.000)
1970	1.131.000	162.000	143	5,86	949.320
1971	1.250.000	379.000	303	6,61	2.126.190
1972	1.331.000	313.000	235	4,62	1.446.060
1973	1.265.000	342.000	270	5,96	2.038.320
1974	1.123.000	214.000	190	6,83	1.461.620
1975	1.123.000	215.000	191	5,97	1.283.550
1976	1.048.000	181.000	172	8,52	1.542.120
1977	1.296.000	218.000	168	5,63	1.227.340
1978	1.284.000	265.000	206	4,50	1.192.500
1979	1.256.000	161.000	128	5,23	842.030
1980	1.304.000	141.000	108	5,26	741.660
1981	1.073.003	102.000	95	4,73	482.460
1982	1.125.167	204.000	180	3,92	799.680
1983	749.569	64.298	86	4,89	314.417
1984	792.932	282.119	356	3,62	1.021.280

FONTE: F.IBGE/EMATERCE/CEPA.

(*) Preços constantes de 1977.

De modo geral, a produtividade média da cultura do algodão no Ceará caiu no período de 1971-83, recuperando-se somente em 1984 (ver tabela 01). Os anos de 1981 e 1983 registraram os menores rendimentos, numa consequência da maior intensidade dos efeitos da seca. Já em 1984, o rendimento foi de 356 kg/ha, volume alcançado em virtude de, no período em pauta, 64% da produção ter sido do tipo herbáceo, que é altamente produtivo.

A coluna correspondente ao "valor da produção" fornece indicadores bem elucidativos no que se refere aos problemas da cultura. Este valor, em condições de clima e mercado ideais, permaneceria entre 1,5 a 2,0 bilhões de cruzeiros (valores corrigidos para 1977), cifra alcançada no período de 1971-73, anos que podem ser considerados como normais. É inquestionável o efeito negativo das secas na formação do valor da produção. Isso é constatado nos anos 1970/1979-83 quando o valor da produção ficou aquém de um bilhão de cruzeiros.

A situação conjuntural acima é motivo de preocupação, tendo em vista que no somatório do valor da produção das 22 principais culturas⁽²⁾ do Estado, o algodão participou com 24,5 e 20,1% nos anos de 1976 e 1977, respectivamente.

3. CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO DO ALGODÃO EM CAROÇO

O processo de comercialização do algodão em caroço no Ceará compreende os canais que levam a produção dos agricultores às cooperativas e às usinas de beneficiamento, diretamente ou através de intermediários (ver figura 01). Observa-se que todos os aspectos e etapas deste processo se efetivam em função das condições do financiamento de custeio ao produtor e/ou do intermediário.

O algodão em caroço produzido, no Estado, provém de produtores proprietários (sobretudo pequenos) e de produtores arrendatários e parceiros (meeiros etc.), que são os responsáveis pelo maior volume de produção.

O sistema de comercialização do algodão em caroço se processa em um mercado não-competitivo, no qual os pequenos produtores não dispõem de poder de barganha para imporem preços mais remuneradores, ficando na dependência dos proprietários da terra e de alguns intermediários ou usineiros, que impõem os preços que melhor lhes convêm.

2. Estimativa feita com base na TABELA IV do Plano Anual de Produção e Abastecimento: 1978-79. CEPA-CE, 1978.

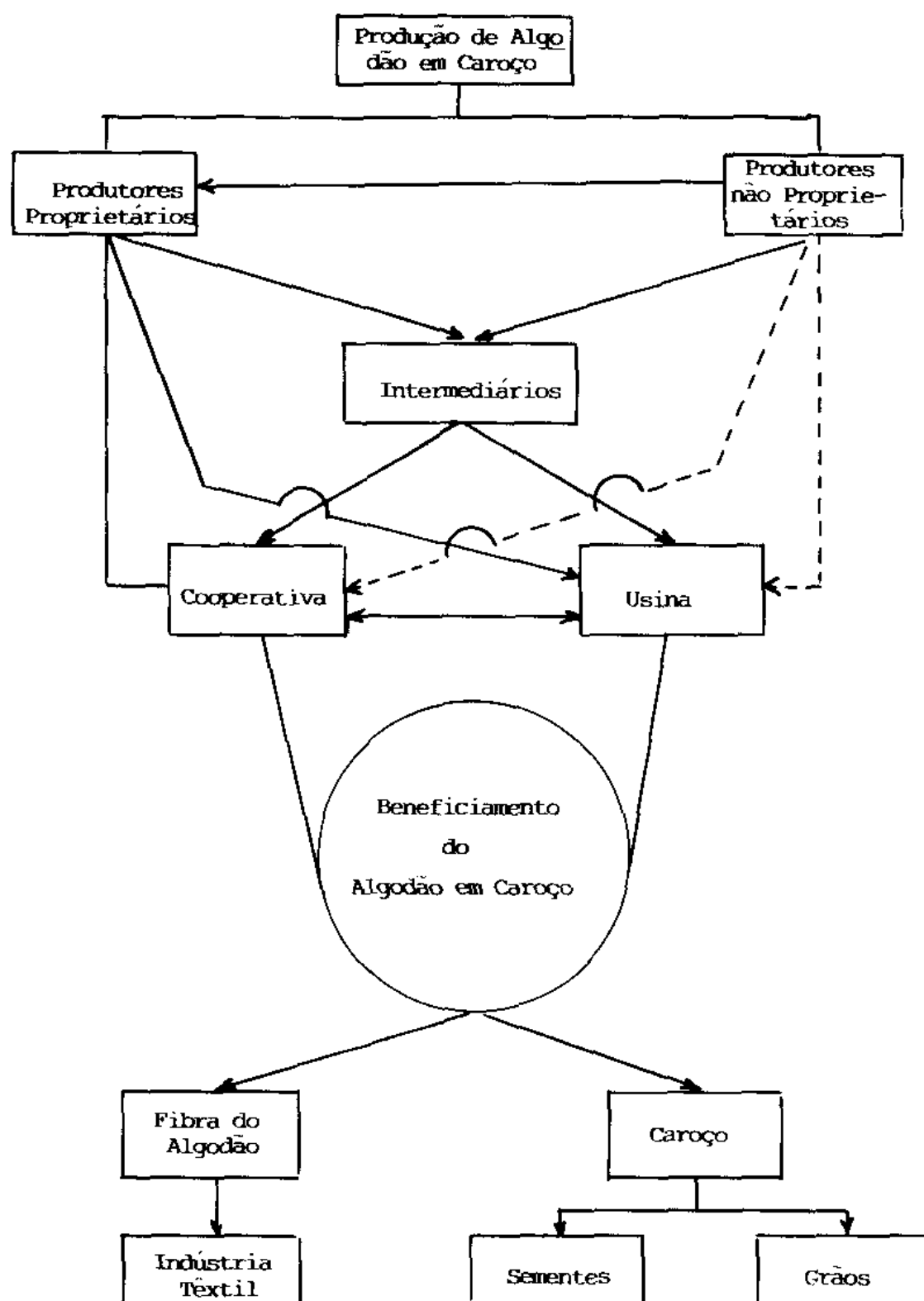


FIGURA 01 - Canais de comercialização do algodão em caroço no Estado do Ceará^(*)

* A figura acima é uma adaptação da figura 6, de AZEVEDO (1982).

O pequeno produtor, em geral, não tem condições de custear as despesas requeridas pela cultura, o que causa a sua vinculação aos proprietários da terra, intermediários e usineiros, via financiamento informal (CEPA-CE, 1975). Com essa dependência, o produtor é forçado a vender sua produção a quem lhe financiou, em condições pouco favoráveis. Essas condições se referem a: impossibilidade de esperar melhores preços; pequeno volume de produção; posição e poder de barganha inexpressivo, condições dos contratos verbais de parceria e/ou arrendamento e dos empréstimos obtidos.

O grande produtor-proprietário, que independe de financiamentos não-institucionais e que tem poder de barganha, é menos vulnerável às imposições dos intermediários, destinando grande parte de sua produção diretamente à cooperativa ou à usina.

Na produção de algodão em caroço estão envolvidos: a) o produtor-proprietário, agindo com a dupla ação de produtor e de intermediário, uma vez que compra algodão de outros produtores; b) o produtor-proprietário "dependente", que se submete às condições de mercado e aos contratos verbais de financiamento; c) o produtor parceleiro, que representa a maioria dos cotonicultores que, de algum modo, dependem dos proprietários da terra e/ou dos intermediários; d) os proprietários de terra não-produtores, que alugam suas terras através de arrendamento, além de quase sempre financiarem o custeio desses produtores e de outros não ligados às suas terras, para garantir a produção que poderão receber como pagamento do aluguel fundiário e do empréstimo.

Os intermediários que desempenham a função de reunir e/ou financiar a produção são representados pelos pequenos comerciantes (bodegueiros, armazenistas etc.) e pelos corretores das usinas. Eles têm duas maneiras de agir: uma através do fornecimento (feito por bodegueiros) de gêneros alimentícios e outros produtos essenciais aos produtores, cujo pagamento é efetuado com algodão na época da safra; a outra, por meio do compromisso assumido pelo produtor, o qual recebe o empréstimo antecipado com a condição de a venda total ou parcial do algodão ser feita ao financiador. Pequena parte dos recursos usados pelas usinas para essa operação é obtida da rede bancária; o restante é oriundo do capital de giro da própria usina. Os corretores compram dos produtores e/ou intermediários e vendem o algodão a outros intermediários, às usinas ou às cooperativas. "Todos os anos, os intermediários procuram realizar manobras especulativas, visando obter os maiores preços, através da retenção de toda a mercadoria que consegue reunir ou de apenas parte dela, de acordo com suas possibilidades financeiras." (BNB-ETENE 1964).

As usinas e as cooperativas que formam a indústria de beneficiamento são os únicos compradores finais de algodão em caroço. Os usineiros compram o algodão dos produtores e intermediários, de acordo com suas conveniências e com a situação do mercado, ao passo que as cooperativas o adquirem com o propósito de oferecerem condições mais favoráveis ao produtor associado, nas margens que o mercado oferece.

A figura 01 mostra que a fibra destina-se à indústria têxtil, o caroço, enquanto grão, às indústrias de fertilizantes, rações e óleo comestível, e a semente ao produtor.

4. FATORES QUE AFETAM A FORMAÇÃO E COMPORTAMENTO DOS PREÇOS DO ALGODÃO EM CAROÇO

No Ceará, há um mosaico de diferentes cultivares de algodão, multiplicidade que pode influir nos preços pagos aos produtores.

O algodão mocó, com sua fibra longa e resistente, deveria alcançar preços mais elevados do que o herbáceo, que produz fibra de tamanho menor. No entanto, isso não ocorre, pois os compradores impõem aos produtores a condição de adquirirem o algodão "mocó" e o herbáceo (pelo mesmo preço) com vistas a pagar preços menores e/ou adquirir caroço, que vem competindo, em termos de geração de renda, com a fibra. Este artifício dos compradores é possível porque na prática ocorre a associação dos tipos mocó, verdão e herbáceo na mesma área cultivada.

O comportamento anual dos preços do algodão não segue as características gerais dos demais produtos agrícolas. Ao contrário, na época da comercialização seus preços se elevam. A propósito, BEZERRA (1980) fez a análise de preços do produto com a utilização da técnica de médias móveis geométricas para identificar as variações estacionais mais significativas, tendo observado que os menores índices sazonais de preços foram encontrados nos meses de abril e junho e os maiores em novembro e dezembro, conforme demonstra a figura 02.

Como tentativa de explicar os resultados encontrados por BEZERRA (1980), pode-se sugerir que a existência de menores índices estacionais (ABR-JUN) decorreram dos seguintes fatos: i) os preços neste período estão relacionados aos da safra anterior e os usineiros ainda não sabem a que preços serão comercializados a pluma e os derivados de caroço, valores esses que

são condicionantes para formação do preço do algodão em caroço; ii) nesta época ainda não se sabe o volume de produção; iii) este período coincide com o da safra da região Sudeste; iv) nesta época as transações comerciais devem ser, em sua maioria, venda "a termo" (compras na folha), em que os preços são estabelecidos muito abaixo dos preços de mercado.

Com relação aos índices estacionais de preços mais elevados encontrados por BEZERRA (1980) no intervalo de novembro a dezembro, pode-se dizer que neste período a oferta é reduzida(3) e os ofertadores são, geralmente, produtores que podem aguardar melhores preços.

As outras hipóteses estão associadas à forte concorrência entre usineiros, em função da necessidade da formação de estoques com vistas a: i) especulação, no sentido de se beneficiar das freqüentes elevações dos preços da fibra; ii) reduzir a capacidade ociosa das usinas; iii) beneficiar-se da política de preços mínimos.

FRANÇA (1985) utilizou a técnica alternativa de análise espectral(4) para identificar o comportamento dos preços do algodão em caroço em diferentes regiões do Ceará. Nas Unidades Espaciais de Planejamento (UEP's) do Baixo Jaguaribe, Sertões Cearenses e Sertões de Quixeramobim e Médio Jaguaribe, o espectro estimado evidencia a ocorrência de preços elevados somente no mês de dezembro, porque os vendedores com maior poder de barganha lançam sua produção no mercado em dezembro em razão do pequeno volume ofertado e das pressões dos compradores para manter os preços baixos nos meses que antecedem a dezembro.

Nas UEP's Litoral e Baturité não foi identificado padrão de regularidade nos preços, fenômeno que decorre, sobretudo, da seca dos anos de 1979-83 que afetou a produção e, conseqüentemente, o comportamento dos preços de modo a tornar-lhes insignificante o padrão sazonal.

3. Segundo a FGV (1980), a distribuição mensal da produção estadual de algodão comercializada foi a seguinte:

Algodão Arbóreo: Jan-Jul = 3,76%;	Algodão Herbáceo: Jan-Jun = 6,09%
Ago-Out = 91,92%	Jul-Nov = 91,74%
Nov-Dez = 1,91%	Dez = 2,06%
Sem. Dec. = 2,41%	Sem. Des. = 0,11%

4. A técnica de análise espectral decompõe uma série temporal num conjunto de funções com diferentes períodos e amplitudes. O espectro de uma série é definido como sendo a contribuição da variação decomposta da série em freqüências diferentes. Aqueles picos que se mostrarem estatisticamente significativos denotam a existência de um fenômeno cíclico (sazonalidade).

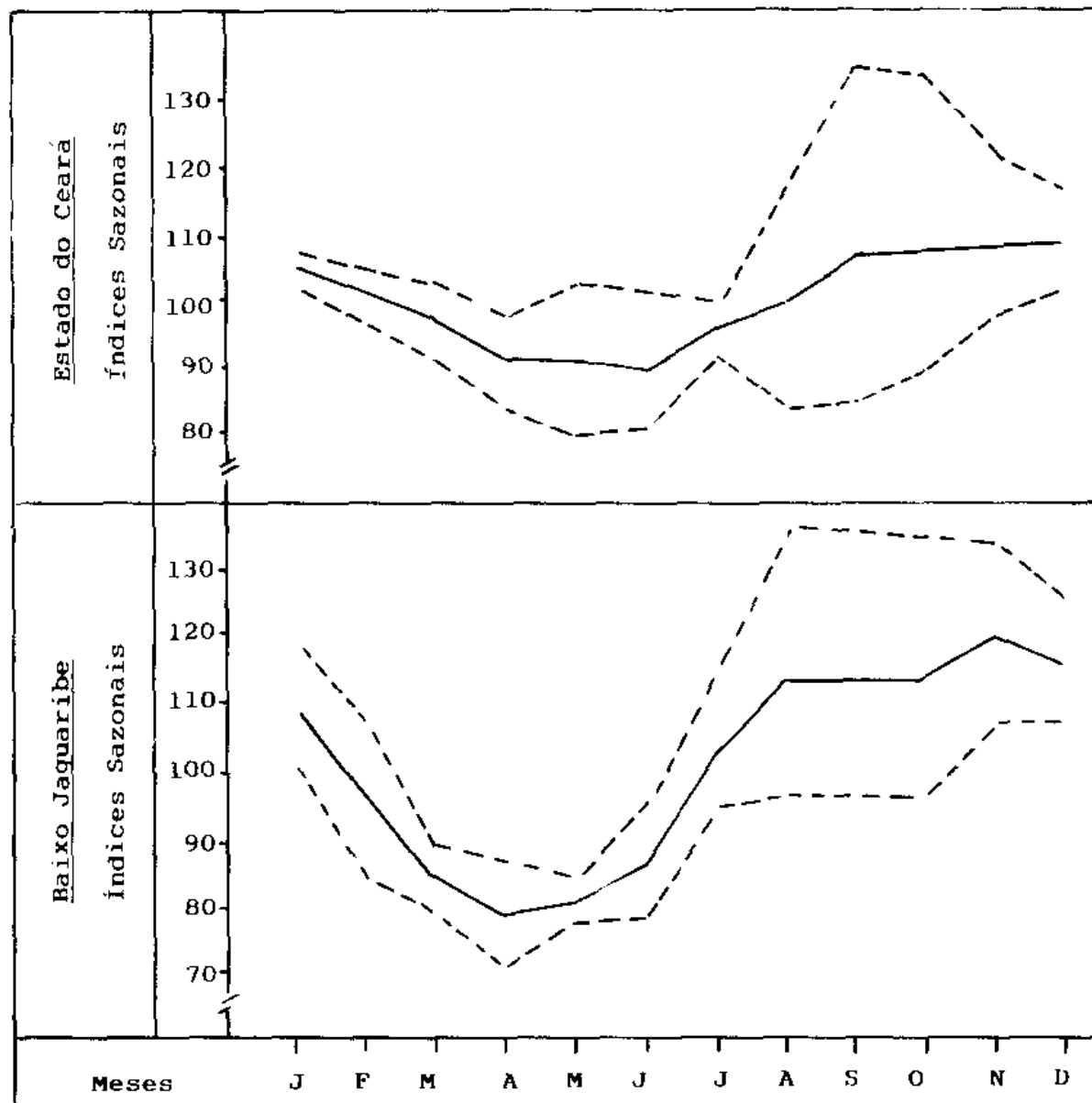


FIGURA 02 – Índices sazonais dos preços de algodão em caroço, a nível de produtor, do Estado do Ceará e da UEP Baixo Jaguaribe, 1974-78. BEZERRA (1980) pág. 26.

No Sul do Estado (Cariri e Sertões dos Inhamuns e Salgado) os preços elevados se mantiveram por um período mais dilatado, isto é, out/nov/dez. Isso é explicado, em parte, pela existência de produtos mais capitalizados, de cooperativas e de uma rede de comercialização dinâmica e eficiente que sabem aproveitar bem as potencialidades da região (45% da produção estadual).

Para o Estado do Ceará como um todo, os preços elevados ocorrem nos meses de out/nov/dez.

O comportamento dos preços reais (deflacionados) de algodão, no período de 1970-84, foi relativamente instável, conservando-se, no entanto, a existência do efeito sazonal com variadas amplitudes e uma leve tendência descendente.

De um modo geral, os fatores que afetam o preço do algodão são muitos e interagem com frequências variadas, ao longo do tempo, tornando difícil uma análise mais segura.

AZEVEDO (1982) diz que "a partir do circuito de comercialização já se pode deduzir que o preço do algodão começa a se formar no momento em que é feito um contrato entre o proprietário e o não-proprietário da terra". Assim, o usineiro (descaroçador), que exerce o maior peso na formação do preço de mercado de algodão adquirido ao produtor, depende dos mercados interno e externo da fibra, dos preços do óleo comestível e da torta, bem como da política de preços mínimos para tomar sua decisão sobre a que preços compra.

Os preços mensais do algodão em caroço no Ceará e em suas Unidades Espaciais de Planejamento (UEP) caracterizam-se, de modo geral, por níveis baixos nos oito primeiros meses do ano e por altos nos últimos quatro meses.

O início dos preços altos verifica-se no começo de safra (julho-agosto), quando os compromissos financeiros e/ou a falta de informações das cotações do algodão em outras praças, por parte do pequeno produtor, fazem com que comercializem a quase totalidade do seu produto a preços abaixo daqueles que prevaleceriam, caso a situação acima não existisse (ver nota de rodapé 3). Como nesta época (início da comercialização) a oferta do algodão é elevada, os especuladores aproveitam para decidir seus próprios preços. Depois surgem os ajustamentos de mercado até voltar ao normal, quando, porém, a oferta

já é reduzida. Mas, até que isto venha a acontecer, o agricultor sofre alguma descapitalização ampliando mais a distância de alcançar o seu bem-estar social e econômico (AZEVEDO, 1982).

Caso não houvesse as manobras dos intermediários e usineiros para reduzirem os preços, estes seriam maiores do que os prevalecentes no período analisado. Para tanto, os compradores utilizam artifícios extramercado, tais como: empréstimos não-institucionais, fornecimento de mercadorias, "compras na folha", cessão da terra em meia, parceria, dentre outros serviços, que são pagos, quase sempre, com algodão na época em que os preços ainda estão em ascensão (no início da comercialização).

Assim procedendo, esses agentes gozam de duplo benefício: garantem o suprimento de uma parcela da sua demanda, uma vez que recebem, em pagamentos por serviços prestados aos produtores, uma significativa parcela⁵ da sua produção, e cobram encargos financeiros e/ou aluguel fundiário extorsivos.

5. CONCLUSÕES

a) A associação das três variedades de algodoeiros facilita ao comprador reduzir os preços do algodão de fibra mais longa, uma vez que o produtor é forçado a vender sua produção a um único preço, independente do tamanho da fibra.

b) As relações informais entre produtores e compradores viabilizam a perpetuação dos sistemas de exploração vigente.

c) A ausência de um padrão de classificação, o processo de embalagem e pesagem por parte dos compradores são, também, mecanismos utilizados para, indiretamente, reduzir os preços pagos aos produtores.

d) Existem no mercado do algodão manobras especulativas dos usineiros e/ou intermediários associados aos mecanismos de interferência nos preços, comprimindo-os.

5 Para justificar o fato acima, dentre os resultados de pesquisa de campo constantes na literatura citada, destaca-se a de ARAÚJO (1975) que dos 61 produtores pesquisados em Quixadá, observou que 20,3% da produção se destinava ao pagamento da "meia", e de 70 produtores de Missão Velha, 20,8% da produção era destinada ao mesmo fim.

e) O mercado do algodão em caroço no Ceará é um oligopsônio, determinante da ocorrência de preços elevados na época da comercialização. Já os preços mais baixos são verificados em razão de serem relativos a vendas a termo.

f) Fatores como: ocorrência de **bicudo**, seca de 1979/83 e maior produtividade do algodoeiro herbáceo têm sido os principais impulsionadores da crescente substituição dos algodoeiros arbóreos pelas variedades anuais.

g) A participação das cooperativas no processos de comercialização do algodão em caroço influencia diretamente os preços, uma vez que contribui para sua elevação e estabilização.

6. RECOMENDAÇÕES

a) Conceber políticas para a cotonicultura cearense, levando em consideração as diferenças regionais.

b) Revitalizar o Sistema de Informação de Mercado com uma rede de divulgação abrangente através de meios de comunicação, compatíveis com o nível de conhecimento dos produtores, utilizando, também, os locais por eles freqüentados.

c) Sugerir que os resultados das análises sejam utilizados pelas cooperativas e pelo Governo para estabelecer, com mais segurança, a política de estabilização de preços através de formação e distribuição de estoques reguladores de pluma, uma vez que os preços do algodão em caroço são influenciados pelas cotações do algodão em pluma.

d) Mostrar aos produtores as vantagens financeiras de vender o algodão nos meses de novembro e dezembro, quando os preços alcançam as maiores cotações do ano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ARAÚJO, I. T. **Comercialização do algodão em caroço nos municípios de Quixadá e Missão Velha.** Fortaleza, Universidade Federal, 1975. 95 p. (Tese de Mestrado)
02. ARRUDA, M.L.C. ? JUNQUEIRA, P.C. O Padrão estacional dos preços de algodão no Estado de São Paulo. **Agricultura de São Paulo**, 16 (314): 1-29, São Paulo, 1969.
03. AZEVEDO, R. **Análise de comercialização de algodão, milho e feijão dos agricultores de baixa renda no município de Canindé-CE.** Fortaleza, Universidade Federal, 1977. 54 p. (mimeo).
04. ————. **L'économie du coton dans l'État du Ceará.** Montpellier-France, Université de Montpellier I, 1982. 312 p. (Thèse de Doctorat de 3ème cycle).
05. BARREIRA, C. **Parceria na cultura do algodão — Sertão de Quixerambim-CE.** Brasília, UnB, 1977. 104 p. (Tese de Mestrado).
06. BEZERRA, Ma. G.R. **Variação estacional dos preços de produtos agropecuários do Ceará e em Unidades Espaciais de Planejamento.** Fortaleza, CEPA-CE, 1980. 103 p. (mimeo).
07. BNB.ETENE. **Mercado e comercialização do algodão do Nordeste.** Fortaleza, 1964. 287 p.
08. ————. **Oferta nacional de fios/filamentos têxteis.** Fortaleza, 1982. (circulação restrita).
09. BRAGA, R.S. & FREIRE, S.C. **Distribuição dos algodoeiros no Nordeste do Brasil.** Campina Grande-PB, EMBRAPA, 1983. 38 p.

10. BRANDT, S.A. Flutuações de preços e estrutura de demanda de banana no mercado de São Paulo. **Agricultura de São Paulo**, 11(8): 1-40, 1964.
11. ————. **Comercialização agrícola brasileira**. Piracicaba, Livroceres, 1980. 195 p.
12. ————. **Mercado agrícola brasileiro**. São Paulo, Nobel, 1979. 145 p.
13. BRASIL. Ministério da Agricultura, SUPLAN. EAPA. **Aspectos sócio-econômicos da cultura do algodão arbóreo: Relatório 1**. Brasília, 1972. 80 p. (mimeo)
14. CEARÁ. Secretaria da Fazenda. **Boletim estatístico-1984**. Fortaleza, 1985.
15. CEPA-CE. **Estudos básicos para formulação de programas de desenvolvimento agropecuário no Estado do Ceará: características de comercialização dos principais produtos agropecuários**. Fortaleza, 1975. 327 p.
16. ————. **Plano anual de produção e abastecimento: 1975-77**. Fortaleza, 1976. 252 p.
17. ————. **Plano anual de produção e abastecimento: 1978-79**. Fortaleza, 1978. 274 p.
18. CEPA-RN. **Comercialização de algodão, milho e feijão no Rio Grande do Norte: 1977-78**. Natal, 1979. 95 p.
19. DUQUE, J.G. **O Nordeste e as lavouras xerófilas**. 3a. ed. Natal, FGD/ESAM/CNPq, 1980. 337 p.
20. FRANÇA, F.M.C. **Análise estacional de preços de algodão em caroço, a nível de produtor do Estado do Ceará — abordagem pela análise espectral**. Fortaleza, Universidade Federal, 1985. 99 P. (Tese de Mestrado).
21. Fundação Getúlio Vargas. **Distribuição e sazonalidade da produção agrícola**. EMBRAPA, Nov./1980. 112 p.

22. MAIA, A.S. & GUIMARÃES, P.M. **Cotações de mercado e demais indicadores econômicos relativos ao algodão** (posição trimestral): Doc. n. 23. Jan/Mar-83. Campina Grande, 1983. 18 p.
23. ORRICO, J.A.R. **Aproveitamento da capacidade instalada da indústria de beneficiamento de algodão do Estado do Ceará**. Fortaleza, BNB, ETENE, 1966. 16 p. (mimeo).
24. PEREIRA, I.F.; JUNQUEIRA, P.C. & CAMARGO, M.N. **Variação estacional dos preços agrícolas no Estado de São Paulo**. *Agricultura em São Paulo* 10(4): 1-67, 1963.
25. PRATA, F.C. **Principais culturas do Nordeste**. Fortaleza, s.ed. 1977. 220 p.
26. SILVA, A.V. **Algodão e indústria têxtil no Nordeste: uma atividade econômica regional**. Natal, Ed. Universitária, 1980. 296 p.
27. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. CETREDE. **A Pequena produção algodoeira na região de Sobral**. Fortaleza, 1981. 74 p. (mimeo).

Abstract: This topic analyses some aspects related to the prices of seed wool, paid the producer in the State of Ceará. It points out that, although the income resulting from such an activity might have a social and economic importance, it is rather vulnerable in view of vices in the commercialization process. The working of this process is demonstrated having as a basis analysis of general aspects of the cearense cotton plantation, such as: commercialization channels, formation and behaviour of prices received by the producers, among others. Wellgrounded on these analyses, it presents conclusions and suggests some lines of actions in order to turn more stable the income of the activity.

